

ATUALIDADE DE POMPEU SOBRINHO E GUIMARÃES DUQUE

Mozart Soriano Aderaldo

A seca nordestina, em suas causas cósmicas, é insolúvel até o atual estágio da ciência, pois a tecnologia mais requintada ainda não conseguiu removê-las. Sejam elas as manchas mínimas solares, a circulação das frentes de ar, a ausência de grandes reservas de água, a inexistência de florestas, o homem ainda não dispõe de meios aptos para modificar essa situação. De tempos em tempos (geralmente de decênio em decênio) a seca ocorre, surpreendendo apenas os despreocupados.

A seca nordestina é, essencialmente, uma má distribuição de chuvas no por nós chamado "período invernos", que corresponde ao primeiro semestre do ano civil, e nunca uma escassez total. Há lugares no mundo onde ocorrem menos chuvas do que no Nordeste brasileiro e que, nem por isso, sofrem o fenômeno seca.

Assim, a verdadeira solução do problema se concentra no ataque às suas **conseqüências** sócio-econômicas, aproveitando-se ao máximo as atuais condições climáticas do Nordeste brasileiro. Em outras palavras: a melhor maneira de contornar as conseqüências da seca é adaptar a comunidade nordestina às condições irremovíveis do fenômeno. Nisto consiste a **solução compósita** ou **ecológica** do sábio Pompeu Sobrinho. Compósita porque utiliza todos os processos que possam aliviar os efeitos do fenômeno (açudagem, irrigação, lavoura xerófila, reflorestamento, industrialização, mineração etc.) e ecológica porque, ao mesmo tempo, ajusta o homem nordestino ao seu meio ambiente.

No processo adaptativo, o homem do Nordeste brasileiro há-de se habituar a conviver com a seca, tirando o melhor partido da situação. De que modo? Desenvolvendo aquelas atividades total ou relativamente imunes à seca, tais como a mineração, a pesca, a lavoura xerófila e, até certo ponto, a pecuária, bem como as indústrias que possamos instalar por sua viabilidade.

O raciocínio é imposto por nossa realidade regional. Por que as populações migram nas secas? Porque a imensa maioria dos rurícolas depende de **pequenas culturas de subsistência**, exatamente o tipo de atividade econômica que é quase totalmente destruído pela seca, pois é atingido em 90% pelo menos. A outra principal atividade econômica do Nordeste semi-árido, que é

a pecuária, resiste melhor, não se prejudicando em mais de 30%, percentual esse que tende a baixar com a contínua construção de açudes que reservarão maior quantidade de água. O corrente ano de 1980 é um exemplo disto, pois a agricultura se acha grandemente prejudicada, enquanto as chuvas caídas no início do ano (em fevereiro, principalmente) encheram os açudes e garantiram os rebanhos.

Acresce que, em regra, a agricultura de subsistência (alimentos em geral, como feijão, arroz, milho, etc.), no Nordeste semi-árido, só se torna viável nos anos de bons invernos (incertos, como se sabe), e assim mesmo apenas em determinados trechos de nossa área geográfica, especialmente nas serras frescas, vales úmidos e setores mais molhados da região. Para que ilusões não tenhamos a respeito de nossas possibilidades quanto à agricultura de subsistência, não passa de 1% (um por cento), sim senhor, o território do Nordeste semi-árido susceptível de ser melhorado pela irrigação, conforme cálculos do citado especialista Pompeu Sobrinho, secundado por outro especialista, o agrônomo Guimarães Duque. A solução para o primeiro desses especialistas seria aquela **compósita**, antes referida. E, para o segundo, a intensificação da lavoura xerófila, que não prescinde de água (como erroneamente poderia ser entendido) mas sabe buscá-la onde se acha, ou consegue armazená-la, ou ainda descobre meios de não perder a de que já dispõe. Essa lavoura xerófila não diminui sensivelmente a sua produção caso ocorra uma seca e, assim, a economia regional não se desorganizaria.

Alguém poderia objetar que os dados de Pompeu Sobrinho e Guimarães Duque precisam ser atualizados, e então a conclusão a chegar seria outra. Mas, mesmo que venham a ser construídas todas as barragens que os nossos boqueiros possibilitem, bem como realizadas todas as obras de irrigação decorrentes dos açudes existentes no Nordeste, ainda assim aquele baixíssimo percentual de 1% (um por cento) a que se referiram Pompeu Sobrinho e Guimarães Duque não subiria a mais de 10% (dez por cento). E que representam 10% de terras para agricultura de subsistência? Que fazer dos 90% restantes? Somente com a lavoura xerófila e com a pecuária, a industrialização, a mineração e atividades outras imunes à seca o Nordeste brasileiro tornar-se-á viável. E esses tipos de atividades exigem campos mais largos e maiores. Daí o erro, incorrido por economistas que copiam fórmulas alienígenas, por esquerdistas para quem quanto pior melhor, e por bispos que nada entendem de economia e sociologia, matérias que se acham fora de seu campo de estudo, de se falar em reforma agrária expropriativa no Nordeste brasileiro.

Destarte, não há como concluir diferentemente de Pompeu Sobrinho e Guimarães Duque. Se não enfrentamos com realismo sócio-econômico o problema no seu todo, se não tivermos a coragem de enveredar pela lavoura xerófila, a própria industrialização a cargo da SUDENE pouco poderá fazer. De

fato, enquanto a SUDENE gerou 100.000 (cem mil) empregos nos 10 (dez) primeiros anos de sua existência, a região nordestina apresentou, com seu explosivo índice de crescimento populacional, uma força de trabalho correspondente a 5.000.000 (cinco milhões) de pessoas, em igual período. Em termos proporcionais, a SUDENE (e ruim com ela, pior sem ela) gerou trabalho para 10.000 (dez mil) em 500.000 (quinhentas mil) pessoas em cada um desses dez primeiros anos de suas atividades. Ou seja, apenas 2% (dois por cento) de suas reais necessidades, para não piorar.

Pompeu Sobrinho e Guimarães Duque precisam ser relidos e suas teorias, que os fatos comprovam, necessitam de ser postas em prática. São atuais.